

A Multifuncionalidade dos Atendentes de Escola

Análise crítica do filme “Serventes e Merendeiras” (2016)

Mayara Y. Aguiar da Silva



O presente artigo tem como objetivo analisar, utilizando da metodologia de *análise do discurso*, o filme “Serventes e Merendeiras” que apresenta, a partir de uma entrevista, a história de vida de atendentes, serventes e merendeiras da Escola Municipal Antônio Rubi Gimenes, de ciclo fundamental, localizada na região central da cidade de Cafelândia-SP. O artigo no qual irei me basear para as fundamentações teóricas da análise é *A condição de proletariedade: esboço de uma analítica existencial da classe do proletariado*, dos autores Giovanni Antonio Pinto Alves e Esdras Fred Rodrigues Selegrin, em que a condição de proletariado é apresentada como um modo de existência de um grupo social, uma condição existencial histórico- particular, sendo a ideia de “condição” dada quase como um destino já que nascem em famílias despossuídas de bens de produção. Trago a atenção para o fato de que no artigo o conceito de *classe social* é discutido numa perspectiva marxista, em que *classe* reuniria as características da práxis

Cine Trabalho

revolucionária, ou seja, um grupo com poder de transformação histórica, o que não é o caso das entrevistadas. O conceito de *classe social* envolve a questão de consciência de classe, em que os indivíduos assumem seu lugar de proletários mas têm consciência de que este lugar é determinado pela divisão internacional do trabalho, e não por determinação ou acaso do destino. Nas entrevistas, ilustra-se o assunto quando, por exemplo, uma entrevistada diz que ser Servidora Pública é o ápice de sua carreira, visto que até ocupar esse cargo sempre trabalhou em comércio e açougue.

Os entrevistados são *Cláudia de Oliveira*, de 37 anos, servente, casada, mãe, cursou o Ensino Médio e no momento em que o vídeo foi gravado, passava por processo de readaptação no trabalho por conta de problemas de saúde nas mãos consequentes da rotina de movimentos repetitivos desempenhados em sua função que ocupava há três anos. Cláudia começou a trabalhar cedo no comércio, posteriormente trabalhou em açougue e até o momento do filme ocupava o cargo de servente; *Silvana*, de 50 anos, servente, casada, mãe e avó. É formada no magistério e pré escola e trabalhava como servente há quatro anos. Também começou a trabalhar cedo no comércio onde permaneceu até o momento em que o esposo abriu um açougue onde trabalhou por 9 anos como açougueira; *Maria Inês*, 57 anos, merendeira, casada, mãe, avó e bisavó. Estudou o ensino fundamental incompleto, trabalha como merendeira há 22 anos, tendo trabalhado em outros locais pela prefeitura, sendo contratada antes do concurso. Começou a trabalhar aos 9 anos de idade e cita que “já fez de tudo na vida”: já foi empregada doméstica, pajem, cozinheira, faxineira, chapeira, etc; *Suzana*, 47 anos, merendeira, boleira e cabeleireira. Solteira, cursou o ensino médio incompleto e trabalha como merendeira há 2 anos. Começou a trabalhar aos 8 anos em casa de família como babá e empregada doméstica. Trabalhou 19 anos em uma empresa como toalheira terceirizada mas cita que 10 anos foi registrada e 9 anos sem registro, o que cita como “anos perdidos” já que, como se sabe, não contará para solicitar sua aposentadoria, assim como todos os anos em que trabalhou como empregada doméstica;

No decorrer da entrevista relatam sua rotina de trabalho e casa, compartilhando de suas paixões pelo o que fazem, insatisfações cotidianas com o trabalho como a intensificação dos serviços e o adoecimento advindos desta condição, seus sonhos e anseios de realização pessoal.

Levantarei ao longo deste trabalho os principais apontamentos dos entrevistados que demonstram sua condição de proletariado seja no que tange as leis trabalhistas dos servidores públicos, que de certa forma têm mais estabilidade quanto à garantia de seu emprego, seja no que tange às condições estruturais de trabalho que, no capitalismo moderno, tratam funcionários de forma cada vez mais automatizada – devem exercer sua função de maneira hábil, ainda que o número de funcionários seja muito pequeno tendo em vista a quantidade de pessoas que atendem.

Outros conceitos utilizados para analisar as falas das entrevistadas é o de *exploração* enquanto conceito chave do modo de produção capitalista em que se extrai a mais valia a partir da exploração de trabalhadores e de *estranhamento* que é responsável pela não formação de uma consciência histórica individual desses trabalhadores.

A condição de trabalhador descartável explicita-se na questão levantada pelos entrevistados sobre a garantia de seus direitos e o fato de não trabalharem aos finais de semana e feriados, o que em outros empregos, não existia, o que impossibilitava, por exemplo no caso de Cláudia, de acompanhar a filha em tratamento de saúde em Bauru, cidade a qual viajava todo final de semana para tal. A flexibilização das leis trabalhistas faz com que, em regime de contratação CLT ou terceirizações, os trabalhadores não tenham flexibilidade para solicitarem folga ou saída médica para si próprio ou dependentes, sendo considerados funcionários que não atendem às necessidades da empresa, ou que não têm comprometimento suficiente, acarretando em suas demissões. Sabemos disso quando temos conhecimento dos inúmeros casos de entrevistas de emprego nas quais as mulheres são questionadas sobre maternidade, se são mães, e quando grávidas não são contratadas. Silvana cita diretamente a questão de que tem a garantia de seu emprego como servidora pública: “no comércio, se você fica doente, eles te mandam embora. Aqui, se eu me machucar, se eu ficar doente, eu vou me encostar, vou ficar de licença, eu posso ser transferida pra outro lugar, arrumam um lugar pra mim, desempregada eu não vou ficar [...] aqui tenho a garantia que ficarei até me aposentar.”

Outro apontamento é o número reduzido de funcionários para atender a demanda escolar. As escolas públicas atendem com cerca de três a (quando muito) quatro funcionários na cozinha, sendo que o número de crianças matriculadas varia de 150 para mais, com no mínimo o preparo de duas refeições por dia, que varia de acordo com a

escola. No caso da escola estudada, são duas refeições por dia pois é uma escola de ensino parcial. O número de serventes também varia muito, mas especificamente nas EMEF – Escolas de Ensino Fundamental – o número é sempre muito pequeno, quando considerado o tamanho da escola e número de alunos matriculados. Cláudia em algum momento comenta “[...] tem horas que a gente acha que não vai aguentar... mas tem que aguentar[...]”. A funcionária, no ano e que fora gravado o filme, comenta estar passando por exames para confirmação do quadro clínico de suas mãos, que tem como indicativo Síndrome do túnel do carpo, que seria o atrofiamento de um músculo importante entre a mão e o antebraço, responsável pelos movimentos dos tendões dos dedos. A doença seria consequência de movimentos repetitivos ao longo do dia no manejo dos instrumentos de trabalho da cozinha. A falta de funcionários impossibilita um maior revezamento entre os funcionários para que não permaneçam muito tempo na mesma função/movimento, além de sobrecarregá-los de funções que poderiam ser melhor divididas. Essa condição tem como consequência o adoecimento dos trabalhadores, seja físico, seja psicológico.

Importante destacar a tripla jornada de trabalho das mulheres que, quando questionadas sobre seu tempo livre, contam que o mesmo não existe já que precisam dar conta do serviço doméstico e maternal, serviços relegados majoritariamente às mulheres, já que estamos inseridos numa sociedade patriarcal. Não irei me prolongar neste assunto pois não é o foco do artigo porém, sabemos que o patriarcado surge quando as mulheres ainda eram relegadas apenas ao trabalho doméstico e maternal e não trabalhavam fora. Hoje verificamos que um número grande de mulheres trabalham fora, no entanto numa sociedade extremamente machista, os homens ainda se negam a assumirem tarefas domésticas e de cuidados com os filhos, por isso a chamada jornada tripla de trabalho para as mulheres que trabalham fora colaborando com a renda do sustento familiar mas devem dar conta de todo o trabalho do lar. Não menos importante seus relatos sobre o pagamento das dívidas do lar, que também são feitos pelas mesmas em seus horários de almoço. Quando citam tarefas realizadas por seus maridos em suas casas, o fazem como “ajuda”, isso explicita a falta de consciência de que estes trabalhos deveriam ser divididos de forma igualitária como obrigações de ambos, e não como auxílio, tendo em vista que o lar é mantido e sustentado também por ambos nos dias atuais. Silvana por exemplo nos clareia a questão quando cita que a nora que foi agregada à família e reside em seu lar é

Cine Trabalho

quem divide as tarefas da casa com ela. A mesma também cita que mesmo almoçando na escola todos os dias, é ela quem acorda mais cedo e deixa preparado o almoço.

Nas rotinas desses funcionários não se verifica acesso à cultura, esporte ou lazer. Seu lazer está sempre associado à visitar familiares, muitas das vezes suas mães e à igreja, o que também é recorrente na vida de trabalhadores precariados, em que suas condições e rotinas de vida e trabalho, extremamente exaustivas, não abrem possibilidade para que o busquem – isso quando é oferecido em suas cidades. O lazer desses trabalhadores, que passam a maior parte de seus dias no local de trabalho e deslocando-se para tal, é aquilo que lhe tem de mais acessível e barato, já que como citarei mais a frente, suas rendas são consideradas rendas de subsistência, ou seja, renda para garantir a o básico necessário para manutenção de sua vida cotidiana e não muito mais que isso, além do que suas rotinas cansativas não abrem margem para que busquem cultura, lazer ou esporte, que é extremamente necessário para a formação de uma cidadania plena e participativa. A igreja e a televisão são os meios mais próximos de divertimento e “distração” que eles têm.

Em uma fala, Silvana comenta que se não tivesse as tarefas domésticas para fazer, entraria em depressão, pois não tem nada para fazer para além do trabalho e das tarefas domésticas, ou seja, não há nada com o que se ocupar para além disto. Essa fala explicita essa temática de maneira muito clara pois esses trabalhadores, em sua maioria, passaram maior parte de suas vidas trabalhando. Esse fato é primordial para explicar a falta de consciência de classe desses trabalhadores e seu potencial de transformação histórica. Existe todo um aparato burguês capitalista que luta constantemente para suprimir essa classe enquanto potência revolucionária capaz de negar o estado de coisas existentes, e este trabalho passa pela alienação sustentada principalmente pela mídia que é o meio de distração mais presente na vida dos trabalhadores, isso sem entrar muito no assunto sobre o fetichismo alienante impregnado nas mídias também.

A falta de reconhecimento e a cobrança excessiva de trabalho também é um assunto levantado. Cláudia, que é merendeira, comenta de colegas de trabalho que já entrou em depressão por conta disso. Em todas as entrevistas é apontada a questão da falta de insumos e instrumentos de trabalho necessários para que as trabalhadoras desempenhem adequadamente sua função: seja espaços pequenos, como cita a merendeira Maria Inês, seja falta de produtos e insumos, como produtos de limpeza ou

Cine Trabalho

alimentícios para o preparo da comida, e ainda assim percebe-se o comprometimento e eficiência em seus trabalhos, o que acredito causar maior frustração nas funcionárias quando não têm seu trabalho reconhecido.

Verifica-se a condição de proletariado já introjetada nos funcionários quando analisados seus sonhos e anseios pessoais. Os mesmos veem a função de atendentes de escola, como servidores públicos, como o ponto alfa de suas carreiras. Não há anseios para além disso. Embora apontem a dificuldade financeira por conta do baixo remuneração, o alcance da casa própria serve como consolo para tal. Seus sonhos maiores são para os filhos. Ainda que vejam o universo acadêmico como uma possibilidade para seus filhos, não o vê para si.

A única funcionária que não vê o espaço de trabalho e o cargo que ocupa como realização pessoal é a Suzana, que é solteira. Ela comenta que concebe o espaço da cozinha da escola como uma extensão de tarefas domésticas: “eu me vejo como ‘do lar’, eu faço aqui o que faço em casa, e além do mais, somos cozinheiras e não ganhamos como cozinheiras, que seria mais”. Importante salientar que Suzana concebe a relação “casamento” enquanto ideal de realização e felicidade um verdadeiro mito, que na verdade no casamento a mulher só tem suas funções triplicadas, e que a busca das mulheres deveriam ser pela sua realização profissional e independência financeira. Seu sonho é viajar para Itália, algum lugar da Europa, Fernando de Noronha ou Campos do Jordão. Suzana está escrevendo um livro e seu outro sonho é publicá-lo.

(2019)

Bibliografia:

ALVES, Giovanni; SELEGRIN, Esdras. *A condição de proletariedade: esboço de uma analítica existencial da classe do proletariado*. Dossiê: Classes sociais e transformações no mundo do trabalho. Marília, 2011.